SEMANA TEOLÓGICA DA UNICAP

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO COMO DESAFIO À SUPERAÇÃO

Joselito Freire Moreira Araújo Filho*

RESUMO

O diálogo inter-religioso, antes de ser apresentado como elo, supõe ser provocador de mudanças e instrumento de superação, a partir da necessidade de autoconhecimento do ser humano e da sua capacidade de passar de um protótipo de referências para um outro modelo. Esse diálogo inter-religioso poderá ser entendido como um estímulo e um desafio, já que incita o acolhimento e a disposição para ir ao encontro do outro, com abertura para superar os obstáculos com o propósito de construir comunhão. Este artigo pretende apresentar o diálogo inter-religioso como convite à mesa entre religião e religiões, lugar em que se planeja a superação da desigualdade social, indiferença, violência e guerra, ao almejar a convivência fraterna e o relacionamento dialogal com fins de promover o respeito e a admiração recíproca. Ir ao encontro do outro e ter como alicerce não só a liberdade, mas também a responsabilidade na construção de uma harmonia entre o criador e a criatura. O exercício desse diálogo requer compromisso e responsabilidade, anseia o desenvolvimento mutual, conduzido pelos princípios morais, espirituais e culturais que ambos interlocutores possuem, apoiados sempre pelo acolhimento, respeito e admiração. Araújo Filho (2017, p. 73) acrescenta: “Dialogar é mais do que apresentar ideias, é se dispor para relacionar-se, essencialmente apresentando aquilo que você tem como verdade, abrindo espaço para que o outro também se apresente”.

Palavras-chave: Religião. Diálogo. Superação.

O diálogo inter-religioso é uma realidade essencial da contemporaneidade e em nenhuma hipótese poderá ser excluído, seja no olhar, pensar e agir, porque faz parte do cotidiano. Há dentro do coração da humanidade, de modo quase geral, um desejo ardente por paz que acontece não só a nossa volta, mas em todos os países que vivenciam, diariamente, conflitos e, para que esse sonho aconteça, faz-se necessário o acolhimento, a escuta e a disposição de ir ao encontro do outro, principalmente, daquele que é diferente. Porém, nada disso será possível sem a mudança interior e exterior, ao se tornar um convite para sair da comodidade por meio de atitudes.

Acolher, escutar, ir ao encontro do outro são compromissos responsáveis de compartilhar e vivenciar um pouco a realidade do próximo, com o propósito de sentir,

* Mestre em Teologia – UNICAP - E-mail: jfmaf@hotmail.com

sofrer e ver os seus anseios, para aceitá-lo a partir do que ele é. “No acolhimento ao outro, exerço respeito à sua integridade, à sua crença, ao seu modo de ser e de agir, à sua expressão cultural e religiosa” (ARAÚJO FILHO, 2017, p.50).

Ao olhar a vida de Jesus Cristo, constata-se que o acolhimento e a escuta sempre nortearam a sua conduta e atuação, seja daqueles que são iguais, como dos diferentes, no sentido de que a admiração e o respeito são realidades indispensáveis para este encontro e diálogo, ao incentivar o ser humano a caminhar para a frente, sem preconceitos, ideologias e rejeição, partilhando a confiança, a fé e a esperança, com vistas à comunhão e à edificação de uma sociedade mais humana e fraterna. Jesus, ao encontrar-se com o centurião (cf. Mt 8, 5-13), expõe um novo jeito de olhar pautado sobre os alicerces do diálogo e do acolhimento.

Percebe-se que o respeito e a admiração foram exercitados nesse encontro sem altivez. Apesar de saber que o centurião vivenciava outra religião, Jesus abraçou, dialogou e enxergou nesse homem uma fé como parâmetro para os seus conterrâneos, evidenciando, assim, um novo jeito de acolher e dialogar, onde a superação é exercida e o outro deixa de ser visto a partir das suas escolhas, mas a partir do que realmente é, humano. Por tal razão, Phan (2014, p.18) não se omite em dizer que:

> O diálogo exige a verdadeira escuta do outro, mas para ter condições de fazer isso precisa-se, primeiramente, ver a outra pessoa como um ser humano, que é amado por Deus e deve ser respeitado por todos nós. (PHAN, 2014, p.18).

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (n.251) afirma que essa abertura ao diálogo tem como exigência a consciência de que os interlocutores devem assumir as suas identidades, com o compromisso de perseverar nas suas convicções internalizadas de maneira tranquila e equilibrada. Essa abertura permite transparecer a alegria com a intenção de considerar e compreender a identidade do outro, ciente de que o diálogo favorece o engrandecimento e o desenvolvimento recíproco (EG 251). Segundo Teixeira (2003, p. 21), a partir da abertura para o diálogo e da consciência da identidade, apresenta-se a perspectiva e a oportunidade de uma nova ótica de ação e de desempenho das religiões, convictas de que poderão colocar em prática um comportamento que terá por finalidade a implantação de princípios morais de superação, que tem por objetivo preservar o ser humano na sua plenitude.

Araújo Filho (2017, p.51) faz menção quando reconhece:

> É inegável que a diferença é uma intimidação e um desafio para o eu, porém, com a possibilidade da abertura ao diálogo, a diferença não destrói a identidade, mas traz em si a certeza de que essa identidade é um princípio da verdade dialogal. Sem identidade seria inviável o diálogo (2017, p.51).

Quando a identidade é bem formada, o diálogo é frutuoso para vencer o relativismo e sincretismo. Ao acolher e assumir a identidade, não se causa dano, nem provoca escândalo ao amor fraterno. É fato que uma identidade assumida favorece a relação dialogal e faz acontecer experiências de sentimentos e bem estar no encontro com o outro.

O Papa Francisco (2014) expressou claramente este conceito em sua viagem apostólica à Coreia do Norte:

> Um claro sentido da identidade própria de cada um e uma capacidade de empatia são, portanto, o ponto de partida para qualquer diálogo. Se desejamos nos comunicar de modo livre, aberto e frutuoso com os outros, devemos ter bem claro aquilo que somos, aquilo que Deus fez por nós e aquilo que Ele exige de nós. E, se a nossa comunicação não deseja ser um monólogo, deve concretizar a abertura de mente e de coração para aceitar indivíduos e culturas. Sem medo: o medo é inimigo desta abertura.

Em razão disso, o diálogo tem que ser consciente, no sentido de que seja capaz de contemplar a prática relacional dialogal e o seu desempenho. Essa contemplação é apresentada e compartilhada no intuito de contribuir para que as diferenças sejam superadas, ao exortar os interlocutores a viver o entendimento mutual e ao experimentar o já e ainda não à presença da paz, consciente de que essa paz se concretizará inspirada por essas ideias, Hans Kung (2004, p.71) afirma:

> Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver se não houver um ethos global, uma ética para o mundo inteiro.

É indiscutível que o combate à violência e o caminho para a paz fazem parte, também, do objetivo do diálogo. De outra forma, o diálogo inter-religioso se tornaria uma intimidação ou uma prática intelectiva, um momento de espiritualidade de pequenos grupos elitizados e até um confabular de conteúdos encantadores. Logo, o que se espera é que as profissões de fé possam perseverar, convictas da relevância do diálogo e respaldadas pelo desejo do entendimento, portanto, acobertadas pela ótica da fé, confiança e esperança (GUIXOT, 2017, p.5).

Entender o outro é acolher o diálogo como conhecimento, convivência, superação do diferente, partilha de experiências, é avançar e ultrapassar os empecilhos que foram levantados durante séculos, alimentados por indiferenças e preconceitos, o que favoreceu o distanciamento do amor fraterno. Não obstante, o entendimento ou compreensão do outro só poderá ser possível através do diálogo, instrumento de reconhecimento da identidade, da história do outro, o qual possibilita a superação da distância, desigualdades e diferenças, ao criar um ambiente de desenvolvimento de valores (SILVA NETO, 2017, p.65). Esse diálogo inter-religioso não é fonte de ostentação, mas um compromisso que aponta para um alvo que é o bem comum. Guixot (2017, p. 4) chega a afirmar que:

> A este ponto, diria que o diálogo inter-religioso não é um luxo. Ao contrário, é necessário e essencial ao serviço do bem comum. Isto significa dizer que deve se tornar uma realidade ordinária, quotidiana, na relação entre as religiões.

A Declaração *Nostra Aetate* não é extensa em palavras, porém tem realizado transformações no diálogo inter-religioso. É uma das declarações mais resumidas do Concílio Vaticano II, entretanto, é relevante na sua teologia e permanece atual. É uma declaração que incentiva o respeito à diferença religiosa e apresenta como proposta o caminho do diálogo com as religiões, ao convidar todos para o exercício da paciência, perseverança, prudência e do amor fraterno. A base para esse amor fraterno é o diálogo e a alegria do despojamento ao serviço com aqueles que professam outra fé.

Esse diálogo e essa alegria são sinais de compromisso e do testemunho pela fé exercida na vida cristã, com o desejo de crescimento mútuo pelos princípios morais, espirituais e culturais que ambos interlocutores possuem (NA 2). A Declaração *Nostra Aetate*, consequentemente, “reprova toda e qualquer discriminação ou vexame contra homens por causa de raça ou cor, classe ou religião, como algo incompatível com o espírito de Cristo” (NA 5). Stürmer (2015, p.55) narra que:

> O grande desafio está em favorecer um espírito de abertura para compreender esta realidade diversificada, rompendo com qualquer resquício de intolerância, o que não significa abdicar de nossa identidade religiosa singular, condição fundamental para qualquer processo dialogal, nem renunciar à consciência crítica para avaliar os limites presentes nas experimentações em curso, inclusive avaliando a nossa.

Enfim, o diálogo não poderá ser provido de uma postura de persuasão do outro na relação dialogal, no entanto, terá por finalidade o acolhimento, a escuta e a superação dos obstáculos internos e externos, ao considerar, de preferência, o que o outro transporta de diferente, seja na sua maneira de ver, pensar e agir na convivência com o que ele respeita como sagrado. “O respeito à identidade do outro e à sua religiosidade deverá ser, portanto, o elemento mais importante dessa experiência com a alteridade” (CAIXEIRO, 2013, p. 5).

A construção do diálogo é uma tarefa árdua e desafiadora, especialmente quando se há histórico de rejeição, grande insatisfação e contrariedade. Em face desses acontecimentos, dois caminhos são apresentados: o primeiro é o caminho da negação e do desprezo, em que se cria obstáculos provocados pelo ódio e indiferença; o segundo caminho é a superação de uma história manchada pela fraqueza humana, na qual há espaço para o acolhimento, a escuta e o encontro do diferente, revestido pela humildade, onde cada um ocupa o seu espaço e proporciona a si mesmo e ao outro a alegria de partilhar e contemplar o que se tem de melhor e em comum, assumindo o compromisso de não mais serem vencidos pelas limitações do outro e de si mesmo. “Cabe lembrar sempre que a abertura ao outro é um dos aspectos mais importantes no processo de humanização e de enriquecimento da sua identidade, seja ela cristã ou não cristã” (ARAÚJO FILHO, 2017, p. 57).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expectativa de um mundo fundamentado no acolhimento e no respeito às diferenças tem proporcionado cada vez mais a importância do diálogo, face ao pluralismo religioso e pelas múltiplas demandas no campo das religiões. O exercício desse diálogo é exigente e necessário, no qual a identidade é um dos pressupostos essenciais para que o mesmo aconteça. Fica muito difícil dialogar sem saber de onde vim, onde estou e para onde vou.

Esse diálogo inter-religioso não é só causador de conhecimento recíproco, mas de desenvolvimento mútuo. É evidente que para esse diálogo acontecer, faz-se necessário o reconhecimento das suas limitações e fraquezas, com a certeza de que

o diálogo só é possível através do encontro e da caminhada comum, do acolhimento, do respeito e da tolerância. Nessa caminhada é preciso abrir-se ao outro, com fins de evitar a radicalidade. A presença do diálogo favorece o reconhecimento dos valores do outro e a descoberta de que é possível se enriquecer com a diferença.

Assim sendo, o diálogo é construtor de partilha e de comunhão na diversidade, elencado pelo entendimento e pela alegria da reciprocidade. Nessa realidade dialogal, conhecer a sua identidade e a sua diferença são exigências necessárias que se complementam. Araújo Filho (2017, p. 79) reconhece que "dentro desta relação dialogal, a verdade, a caridade e a inteligência são mãos amigas com o propósito de conhecer e apreciar a crença do outro, na convicção de que a diferença provoca crescimento". Caminhar e partilhar juntos é desfrutar da certeza de que o diálogo já existe e que poderá ser ampliado.

REFERÊNCIAS

ARAUJO FILHO, Joselito Freire Moreira. **Acolhimento e Escuta no Diálogo Inter-religioso.** 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Jfmaf/Desktop/Microsoft%20Word%20%20Dissertação%20texto%20final%20TEXTO_CX.doc.pdf . Acesso em: 27 de maio de 2019.

CAIXEIRO, Ana Luzia. **O diálogo religioso e as novas configurações religiosas**. Sacrilegens, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 4-14, jul-dez/2013. Disponível em: file:///C:/Users/Jfmaf/Desktop/O%20diálogo%20religioso%20e%20as%20novas%20configurações%20religiosas..pdf. Acesso em: 06 de maio de 2019.

DECLARAÇÃO Nostra Aetate: sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. São Paulo: Paulus, 2001.

FRANCISCO, Papa. **Discurso** Viagem apostólica à Coreia do Sul Encontro com os bispos da Ásia Santuário de Haemi Domingo, 17 de agosto de 2014. Disponível em: https://www.icatolica.com/2014/08/discurso-do-papa-no-encontro-com-os.html. Acesso em: 07 de maio de 2019.

_____. Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. A alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

GANDHI, Mohandas Karamchand. **Autobiografia** – minha vida e minhas experiências com a verdade. 3. ed. São Paulo: Palas Athena, 2003.

GUIXOT, D. Miguel Ángel Ayuso, MCC. **O diálogo inter-religioso** no ensinamento do Papa Francisco a serviço da paz. Curso anual dos bispos do Brasil - 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Jfmaf/Desktop/O%20diálogo%20inter-religioso%20no%20ensinamento%20do%20papa%20francisco.pdf. Acesso em: 07 de maio de 2017.

KÜNG, Hans. **Religiões do Mundo**: em busca dos pontos comuns. Rio de Janeiro: Verus, 2004.

PHAN, Peter C. **Diálogo inter-religioso**: 50 anos após o Vaticano II. Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – ano XI, número 86, volume 11, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/Jfmaf/Desktop/086_cadernosteologiapublica.pdf Acesso em: 07 de maio de 2019.

SILVA NETO, Luiz Guatura da. **Diálogo ecumênico e inter-religioso** para o caminho da paz. Porto Alegre, 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Jfmaf/Desktop/DISSERTAÇÃO%20%20-%20LUIZ%20GUATURA%20DA%20SILVA%20NETO.pdf. Acesso em: 07 de maio de 2019.

STÜRMER, Rosangela. **Diálogo inter-religioso**. 2015. Disponível em: https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/dialogo-inter-religioso.pdf Acesso em: 08 de maio de 2019.

TEIXEIRA, Faustino. **O diálogo inter-religioso** na perspectiva do terceiro milênio. Horizonte, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 19-38, 2º sem. 2003. Disponível em: file:///C:/Users/Jfmaf/Desktop/Faustino%20Teixeira%202003.pdf. Acesso em: 08 de maio de 2019.